

CORTELLA, Mário Sergio; DIMENSTEIN, Gilberto. *A Era da Curadoria: o que importa é saber o que importa!* (Educação e formação de pessoas em tempos velozes). Campinas, SP: Papirus 7 Mares, 2015. 122 p. (Papirus Debates).

Eduardo Fofonca¹

O filósofo e educador Mario Sergio Cortella e o jornalista Gilberto Dimenstein apresentam a obra *A Era da Curadoria: o que importa é saber o que importa!*, editada e publicada pela editora Papirus 7 Mares, em 2015. A obra, que integra a coleção “debates”, apresenta uma organização cativante e aberta a públicos diversos, pois sua linguagem é significativamente compreensível e, além disso, todas as referências que subsidiam os debates são encontradas num glossário ao final da obra. Esse glossário comunica-se de forma constantemente dialógica, isto é, numa longa e dinâmica conversa praticamente informal entre os autores. Todavia, mesmo com uma textualidade dinâmica, o livro não pode ser considerada simplista, pois consegue convergir e promover reflexões sobre uma era que está em constante evolução e, desse modo, oferece ao leitor uma articulação de episódios, momentos e associações com fatos que permearam as suas trajetórias e, com isso, favorecem a constituição dos diálogos e dos aspectos educacionais da obra.

Pode-se considerar que o livro foi organizado com linguagem simples, todavia contextualizada em formato crítico-reflexivo, trazendo aquilo que realmente importa ser debatido e pensado acerca dos saberes, conhecimentos e atitudes - não se restringindo à educação. mas ao usar a terminologia “formação”, os autores consideram a importância de situar um espaço-tempo de reflexões e críticas aprofundadas sobre os tempos velozes e o que estes acabam por repercutir na formação das pessoas na contemporaneidade.

DOI: 10.1590/0104-4060.54210

1 Instituto Federal do Paraná. Curitiba, Paraná, Brasil. Av. Victor Ferreira do Amaral, nº 306. Bairro: Tarumã. CEP: 82530-200. E-mail: eduardofofonca@gmail.com. <http://orcid.org/0000-0001-5184-8675>

No que se refere aos autores, pode-se dizer que de um lado, tem-se um pensador contemporâneo, pesquisador com longa trajetória e grande relevância acadêmica trilhada no *Strictu Sensu* da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo², cuja comoção causada pelo grande impacto de suas conversas tornam a reflexão um ato de educar. Com tais características, acabou por se tornar, em tempos de indissociabilidade entre educação, comunicação e cidadania, um educador³.

De outro lado, está Gilberto Dimenstein – o jornalista que de forma incansável e criativa é capaz de trazer às mídias grandes embates e lutas por uma cidadania mais ativa. Cortella (2015) na própria obra destaca que Dimenstein poderia ter se contentado profissionalmente com suas preocupações em busca da cidadania, desenvolvendo ações referendadas pela Unesco⁴ e Unicef⁵ ou, ainda, com suas atividades acadêmicas sobre direitos humanos na Universidade de Columbia. No entanto, o jornalista, por meio de Organizações Não Governamentais (ONG), trouxe a mídia e as plataformas digitais ao serviço de ações socialmente inclusivas, democraticamente sustentáveis e economicamente viáveis.

Após um enfoque resumido das apropriações dos porquês, Cortella e Dimenstein dialogam sobre a “Era da Curadoria”, pois torna-se relevante dar o devido destaque à utilização de discussões em torno de como educar pela comunicação e comunicar pela educação. Estes de forma introdutória apresentam e justificam os conflitos, desconfortos profissionais, inspirações e aspirações pessoais, contextualizando particularidades de suas trajetórias, sem deixar de lado aspectos relevantemente educacionais, campo de conhecimento que une os autores.

A Educomunicação – que nasce num primeiro momento da justaposição dos vocábulos educação e comunicação, os quais por meio dessa justaposição ou encontro de campos de conhecimento provocam a coexistência de ações, projetos, práticas nas mais diversas mídias, interligando os campos educação e comunicação de forma interdisciplinar, coletiva e interdiscursiva, abrindo um grande espaço para as discussões de ordem cidadã. Então, torna-se possível

2 O professor é pesquisador no Programa Educação: Currículo da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

3 O campo interdisciplinar tem se constituído como resposta do contexto latino-americano e que tem conquistado espaço internacional. A terminologia, cunhada pelo comunicador-educador uruguaio Mario Kaplún, foi adotada como referência paradigmática, de acordo com Ismar de Oliveira Soares (2002), que recomendou que as faculdades de Comunicação inserissem a discussão sobre a educação em seu currículo, para que os profissionais formados em Comunicação ampliassem sua área de atuação, incluindo processos educativos.

4 A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.

5 Fundo das Nações Unidas para a Infância.

conhecer tal campo como a evolução natural de ambas as áreas e, sobretudo, por sua importância no espaço social.

Desse modo, torna-se impossível não observar que a obra nasce justamente porque se vivencia um momento da história em que, no mundo afora, a educação continua a ser utilizada como um elemento de emancipação cidadã, e a comunicação como o campo que ao mesmo tempo que conduz também aproxima sujeitos e nações. Nesse escopo, a obra se reflete como pensamento crítico, haja vista a real necessidade de haver seleção dos inúmeros conhecimentos construídos pela humanidade em tempo cada vez mais célere, considerando a enxurrada de informações que fluem por meio das mídias. Contudo, ambos os segmentos – educação e comunicação – conquistam maior potencialidade diante do avanço das tecnologias digitais de informação e de comunicação (TDIC), possibilitando enfatizar que a internet pode ser vista como uma “mola mestra” propulsora ou o “coração” de um desenvolvimento curador, crítico, mas também um importante meio de aprendizagem.

Desse modo, o livro foi organizado em nove partes, cujos títulos atuam como fios condutores das discussões ao proporcionar direcionamento para a construção de uma conversa entre os dois intelectuais. Nesse primeiro diálogo intitulado “Educar pela comunicação; comunicar pela educação”, Dimenstein começa a conversa declarando o seu dilema pessoal acerca do conflito que o inspira e o mobiliza, e cujas posturas opostas protagonizadas entre jornalismo/comunicação *versus* a educação operam como o centro desse embate. No campo da atuação jornalística é profissional premiado, perseguindo a neutralidade diante de muitas causas que escreveu. No campo da educação, o autor precisou integrar-se e comprometer-se, buscando clareza de seu papel em meio às características de um jornalista que deveria informar de forma neutra e, muitas vezes, tem como regras profissionais do jornalismo: a objetividade e a frieza diante dos fatos. Porém, quando Dimenstein adentra a educação sua postura é outra: primordialmente porque a frieza fica de lado, pois seu interesse maior é de criar recursos educativos que ajudem crianças na escola, desenvolvendo programas que trabalhem a cidadania em seus contextos de aprendizagem.

Diante disso, o autor se pergunta: quais os limites da comunicação e quais os limites da educação? Onde esses dois campos se cruzam? Para Dimenstein, os limites entre comunicar e educar o perturbava, mas ao mesmo tempo sua percepção era de que pudesse existir um ponto em comum entre essas linguagens. Nesse sentido, torna-se de extrema relevância o pensamento de Dimenstein quando destaca que o excesso de informação não significa o excesso de conhecimento, alegando que essa é uma confusão comum nos indivíduos. Para o autor, o jornalismo do futuro deveria ter elementos que contextualizassem a notícia, isto é, que permitissem as pessoas utilizarem, de forma consciente, as

informações que estão acessíveis para a construção do seu conhecimento. Para o jornalista, isso é a convergência entre a comunicação e a educação. “Ou seja, a informação não pode ser desprovida de contexto, caso contrário não gera conhecimento” (DIMENSTEIN, 2015, p. 11).

Cortella (2015) complementa o pensamento de Dimenstein, destacando que, aliás, o jornalismo colocou-se durante muito tempo como apolítico, embora não o fosse. Já a educação jamais foi concebida de tal maneira, tanto que Paulo Freire destaca que a educação escolar deveria ser vista como um verdadeiro ato político. Para Cortella, há uma diferença muito grande do ato político na educação e na comunicação, tendo em vista que na primeira há o orgulho do fato de ela ser um ato político, ao passo que na comunicação e, de certo modo, pelos jornalistas, entende-se o ato político como algo inerente ao Estado, de cunho oficial e partidário ou ligado à dominação dos sujeitos.

O título que dá nome ao livro “Curadoria de Conhecimento” é destacado pelos autores como uma interligação entre a educação, a comunicação e a cidadania. O pensamento de Cortella diz que a era da curadoria é o momento em que são organizados os espaços de convivência, isto é, de vida comum, considerando ainda que esses espaços estão estruturados em algumas instituições, tais como as escolas, os meios de comunicação, em que aquele que é o responsável por coordenar as atividades tem o espírito de ser curador. Pode-se considerar, assim, que esse “espírito curador” está apto a repartir, proteger, elevar o conhecimento para torná-lo disponível, seja nas organizações educativas formais, seja por meio dos mecanismos comunicacionais do mundo digital. Assim, curar não é um ato de guardar o conhecimento, mas propagá-lo, passá-lo adiante. Desse modo, o curador não tem a perspectiva de proprietário da “obra de arte”, mas deve ter a visão contemporânea de se integrar ao processo interlocutório – no qual todos são ouvintes críticos, mas também falantes críticos e emancipados. No entanto, para Dimenstein o processo de curadoria está em fazer as pessoas pensarem, sem ao menos elas perceberem que já estão refletindo, mudando, intervindo socialmente ou simplesmente pensando sobre.

Contudo, a cidadania, a comunicação e a educação são eixos indissociáveis, pois, dialogicamente, Cortella e Dimenstein refletem sobre tal eixo fazendo analogias e, até mesmo, retomando signos e ícones que remetem historicamente às simbologias da comunicação desde a mitologia grega para dar o destaque ao pensamento de que hoje tudo é comunicante. Mas o que é relevante quando se fala em comunicação? O que se pode destacar, na ótica dos autores, é que uma das coisas mais importantes do mundo atual está na queda da intermediação da comunicação. Dessa forma, há uma grande preocupação em como lidar com os interlocutores que estão conectados vinte e quatro horas por dia, uma vez que esses interlocutores têm em mente a ideia de que comunicar é sempre sinônimo

de compartilhar. Esse fator até o advento da conectividade e a abrangência da internet não acontecia no processo comunicacional do século XX.

A partir das evoluções, desdobramentos e inquietações que os autores trazem aos debates, fica evidente que estes dão destaque a uma linha temporal dos processos comunicacionais e da importância de se refletir como atores sociais, os elementos tecnológicos e as novas práticas sustentam seus argumentos e subsidiam o debate em que a comunicação é empoderamento e está aglutinada à educação, o que possibilita ao ser humano o máximo de empoderamento.

Assim, na era da curadoria, houve a troca do currículo pela concepção contemporânea de rede, isto é, as informações formam uma tessitura informacional por meio da qual o aluno aprende. Mas, de acordo com Dimenstein, o que isso tem a ver com as disciplinas curriculares? Há a percepção que o mundo das tecnologias e redes sociais cria não somente uma nova concepção de redes, mas uma textura de conhecimentos que se relacionam e trazem significação aos alunos.

Como ponto de desfecho da obra, os autores, retomam a questão da cidadania e do empoderamento, tendo em vista como o próprio lócus temático da obra está em torno da abordagem: “o que importa é saber o que importa” – e nesse aspecto, questionam: como construir uma formação que se amplia para a prática da curadoria? Tal resposta pode estar na socialização e na mediação dos conhecimentos, tornando-se uma práxis fundamental desta nova era, seja por meio das escolas (meios escolarizantes formais), empresas ou meios de comunicação (mídias), como forma de empoderamento dos indivíduos.

Por mais que os tempos sejam velozes, a formação humana ainda encontra um lastro na produção de conhecimento por meio da seleção criteriosa e crítica de informações. Diante disso, como nos encontramos em tempos de curadorias, aquilo que vai ser curado ou selecionado não deve deixar de lado a importância e a quantidade de conhecimentos produzidos, mas antes tem de ser traduzido em pensamentos e subsídios pelos quais as ideias transitem nas tessituras sociais digitais contemporâneas e oportunizem interminável fluxo de construção de informações e conhecimentos.

Texto recebido em 30 de julho de 2017.

Texto aprovado em 21 de agosto de 2017.

